

MARIA SIMMA

\*\*\*

AS MINHAS RELAÇÕES  
COM AS ALMAS DO PURGATÓRIO

Deus gango, é o céu

Deus perdido, é o inferno

Deus que purifica, é o purgatório

(Hans Urs Balthasar)

Extrato do livrinho,

*As almas do Purgatório disseram-me ...*,

Editora: CIDADE DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Apartado 86 – 2496-908 FÁTIMA (2 euros)

PORQUE PERMITE DEUS ISTO?

Muitas pessoas interrogam-se: “É possível que Deus permita aos mortos aparecer aos vivos?” Tudo é possível à Sua bondade, mas porque permite Deus coisas tão extraordinárias? Não é para satisfazer a nossa curiosidade! Se pela misericórdia de Deus acontecem factos extraordinários, são sempre conformes ao plano divino da salvação. É deste ponto de vista que devemos colocar-nos para os julgar.

Para todos nós devem ter uma utilidade espiritual; para os mortos são uma grande consolação porque lhes permitem ser libertados mais cedo dos seus sofrimentos. Estes factos devem levar-nos a rezar e a oferecer mais pelas almas do purgatório e a não nos prendermos tão fortemente ao que é terrestre, durante a nossa vida aqui em baixo.

O grande perigo, hoje, é que tudo vai demasiado bem. Devemos estar mais atentos à nossa vida eterna, porque ela dura para sempre. Não prendamos o nosso coração ao que é temporal: de tudo o que passa, nada poderemos levar. Muitos bens, negócios, belas casas, tudo isso passa, e talvez mais depressa do que pensamos: só as nossas boas obras podem ir connosco. É evidente que precisamos de bens terrestres para viver, mas não deixemos que o coração se prenda a eles: é esse o problema. Tal é o sentido e o fim destas aparições de almas do purgatório, como de qualquer outra revelação

privada. É o único motivo porque Deus permite tais contactos sobrenaturais. Que Deus, bom e misericordioso, Se digne dar-nos a Sua bênção para que deles tiremos proveito.

A alma a quem Deus quer dar uma graça particular apresenta por vezes essa graça desde a infância, mas não é raro que ela seja concedida mais tarde. Os caminhos de Deus são admiráveis, insondáveis. Um grande pecador pode tornar-se um grande santo, como por exemplo, Santo Agostinho. Saulo tornou-se S. Paulo, e de repente.

## PRUDÊNCIA PERANTE REVELAÇÕES PRIVADAS

Muitas vezes compreende-se mal a grande reserva da Igreja católica perante revelações privadas. Ela tem as suas razões e é muito bem que assim seja porque a Igreja é a guardiã da verdade. Vale mais que a Igreja não reconheça como autênticos dez casos do que reconhecer um só que não o seja. Mas quando concordam plenamente com o ensinamento de Cristo, ela não pode rejeitar tais revelações, mesmo no caso em que essas revelações não tenham ainda sido objecto dum exame teológico aprofundado.

Um bispo, Monsenhor Bruno Wechner, interpelou-me: “Duvido, disse-me ele, que seja vontade de Deus que se interroguem as almas do purgatório sobre os defuntos”. Respondi-lhe: “Perguntei uma vez a uma alma: como pode dar-me informações sobre as almas a respeito das quais eu a interrogo?” Ela retorquiu: “Nós sabemos isso por Maria, Mãe da misericórdia.”

O bispo foi então de opinião que não devíamos meter-nos nesses assuntos; que há entre o céu e a terra coisas que ainda não se compreendem do ponto de vista teológico, mas que, no entanto, existem. Por fim, declarou que eu não devia em caso algum esperar vê-lo reconhecer o meu caso como autêntico, se fosse interrogado sobre isso; que nunca a Igreja podia fazê-lo enquanto a pessoa em causa vivesse; que a Igreja é tão severa - nós devemos reconhecê-lo - porque mesmo uma pessoa favorecida com graças extraordinárias poderia tornar-se infiel à graça e que ninguém estava ao abrigo dos embustes do Inimigo. Por isso uma tal alma devia ter um bom guia espiritual; essa era uma protecção espiritual contra os embustes do demónio.

## DEVEMOS DAR A CONHECER ESTES FACTOS OU DEVEMOS CALÁ-LOS?

“Porque é a si que se dirigem as almas do purgatório?” Eis uma pergunta que já me fizeram várias vezes. Não é de certeza por causa da minha piedade: há pessoas bem mais piedosas do que eu. No entanto não é a elas

que as almas se dirigem. Os fenómenos sobrenaturais não são “termómetros de santidade”: a pedra de toque da perfeição é a caridade, a verdadeira caridade desinteressada, aos olhos de Deus e do próximo: sofrer pelos outros por amor, à imitação de Cristo. Não podíamos passar a nossa vida aqui em baixo sem cruz nem sofrimentos. Uma alma do purgatório disse um dia: “O que há de mais eficaz é o sofrimento, quando se suporta com grande paciência e se depõe em oferenda entre as mãos da Mãe de Deus para que Ela o utilize por quem Ela quiser, porque a Mãe sabe onde será melhor utilizado e mais necessário”. Evidentemente, é mais fácil exortar alguém que sofre a que o faça com paciência do que sofrermos nós próprios com coragem. Eu sei o que custa sofrer, mas é justamente porque o sofrimento é doloroso que o seu valor é tão grande.

Não sei dizer porque é a mim que as almas do purgatório procuram. É claro que podem dirigir-se também a outros. Conheci no Vorarlberg duas pessoas, actualmente falecidas, a quem elas se dirigiam. Evidentemente que há ainda hoje muitas pessoas que as pobres almas vêm solicitar, mas que são conhecidas de muito poucas pessoas. A sua missão é outra, diferente da minha.

Sei que seria muito mais fácil guardar estas coisas escondidas do que tomá-las conhecidas do público e pôr-se ao seu dispor, porque se enfrenta tanta incompreensão, desprezo, às vezes mesmo da parte dos padres. Muitos padres são sábios que querem compreender tudo. Mas os caminhos de Deus não se deixam sondar assim: é preciso uma grande humildade, o que nos nossos dias falta com frequência.

## EU QUERIA ENTRAR NO CONVENTO

Desde a infância tive o sentimento de que Deus me pedia um sacrifício muito especial. Quando eu ia à escola já queria saber qual seria esse sacrifício. Tinha de fazer um longo percurso para ir ao leite. O caminho passava perto de dois palheiros. Pensava: “Neste caminho, Deus poderia dizer-me o que quer de mim; tenho, portanto, de fazer um contrato com Ele”. Dirigia-Lhe esta oração: “Senhor, Vós podeis tudo. Quando eu passar perto de um ou de outro destes palheiros que se encontre aí um bilhete em que esteja escrito o que devo fazer”. E voltava sempre a esses dois palheiros para encontrar o tal bilhete. Mas era sempre em vão. Pouco a pouco invadiu-me a impaciência e disse a Deus: “Sabeis, não é minha a culpa não encontrar o caminho que escolhestes para mim”.

Quando acabei a escola pensei: “Agora é provavelmente o convento; talvez seja lá que Deus me quer”. Aos 17 anos entrei no convento do sagrado Coração de Jesus, em Hall (Tirol). Ao fim de um ano tive de ir embora porque tinha muito pouca saúde! Quis entrar logo num outro convento. Tentei desta vez nas dominicanas de Thalbach, perto de Bregenz, nas

margens do lago Constança. “Dizemos-lhe sem rodeios, declarou a superiora ao fim de 8 dias: é muito fraca para nós”. Não pude ficar. Então conheci o convento das franciscanas em Gaissau, que envia religiosas para as missões: “Eis o convento de que preciso! Pensei. Conduzir a Deus outras pessoas é a minha tarefa. Sou muito pouco dotada para estudar e ser professora, portanto vou entrar para um convento de onde possa mais tarde partir para as Missões”. Disse a Deus: “Agora faz com que eu possa ficar lá, senão não irei para mais nenhum convento”. Entrei nesse convento em 1938. Gostava muito de lá estar. Pois bem, uma vez mais a superiora disse-me: “É a mais fraca de todas nós...” Eu esperava, no entanto, que, uma vez terminados os trabalhos dos campos, eu iria aguentar. Mas mal terminou a colheita, a madre superiora disse: “É demasiado fraca para nós; não posso conservá-la aqui”.

## PRIMEIRAS APARIÇÕES

“Tudo acabou para mim, pensava eu: não consegui encontrar o caminho que Deus me traçou, e Deus não mo mostrou”. Durante bastante tempo isto inquietou-me muito, do ponto de vista espiritual; mas o que me reconfortava era o pensamento de que não era culpada: tinha feito tudo o que me era possível.

Desde a minha infância tinha um grande amor pelas almas do purgatório; a minha mãe também as amava muito e repetia-nos sempre este conselho. “Quando tiverdes um pedido importante a fazer, dirigi-vos às almas do purgatório; são a melhor ajuda”.

Foi em 1940 que se me manifestou pela primeira vez uma alma do purgatório. Acordei ouvindo alguém ir e vir no meu quarto. Olhei para ver quem poderia estar no meu quarto. Nunca fui muito medrosa: era mais fácil atirar-me à cara de alguém do que ter medo.

Vi então um estranho que ia e vinha lentamente. Interpelei-o em tom aborrecido: “Como entraste aqui? O que perdeste?” Ele fez como se não ouvisse nada e continuou as idas e vindas. “O que fazes?” Perguntei novamente. Depois, como não obtivesse resposta saí da minha cama e quis agarrá-lo. Só apanhei o ar; não havia mais nada. Voltei para a cama e ouvi de novo ir e vir: “Pensei, vejo este homem; então porque não posso agarrá-lo?” Levantei-me novamente; caminhava lentamente para ele, queria apanhá-lo...; uma vez mais mergulhei no vazio; não havia nada. Pouco tranquila, voltei a deitar-me; era cerca das 4 horas da manhã. Ele não voltou, mas eu não voltei a dormir. Depois da missa procurei o meu director espiritual e contei-lhe tudo. “Se voltar a acontecer algo semelhante, explicou ele brevemente, não perguntes ‘quem és tu’ mas ‘que queres de mim?’” Na noite seguinte ele voltou: era o mesmo homem da noite anterior. Perguntei-lhe: “Que queres de mim?” Ele respondeu: “Manda

celebrar três missas por mim e serei libertado”. Percebi que devia ser uma alma do purgatório. Disse-o ao meu confessor que me confirmou a ideia.

De 1940 a 1953 vinham em cada ano só duas ou três almas, em geral no mês de Novembro. Eu não via nisto nenhuma missão especial a cumprir. Disse-o ao meu pároco Alphonse Matt que era também o meu director espiritual. Ele aconselhou-me a que nunca afastasse uma alma e que aceitasse tudo generosamente.

## SOFRIMENTOS EXPIATÓRIOS POR OUTRAS ALMAS

Depois as almas do purgatório pediram-me também que sofresse por elas. Foram grandes sofrimentos. Quando uma alma vem, acorda-me tocando-me ou chamando-me, ou sacudindo-me ou de outra forma. Pergunto-lhe logo: “Que queres?” ou: “Que devo fazer?” Só então ela pode dizer-me o que lhe faz falta.

Assim, uma alma perguntou-me: “Sofrerias por mim?” Isto pareceu-me espantoso, porque, até então, nenhuma tinha ainda expressado um tal desejo. Respondi: “Sim, mas que devo fazer para isso?” Ela disse-me: “Durante três horas terás grandes dores em todo o corpo; mas ao fim dessas três horas poderás levantar-te e dedicar-te às tuas ocupações como se nada se tivesse passado. Podes assim tirar-me vinte anos de purgatório”.

Aceitei. Fui tomada por tais dores que mal sabia onde estava, embora continuasse consciente de ter aceitado, em expiação por uma alma, esses sofrimentos que deviam durar três horas. Parecia-me que essas três horas já deviam ter passado há muito, e que eram antes três dias ou mesmo três semanas. Quando tudo terminou verifiquei e tinham na realidade passado apenas três horas. Às vezes só tinha que sofrer cinco minutos, mas como parecia longo esse tempo!

## AS MENSAGENS DAS ALMAS TORNAM CONHECIDAS ESTAS APARIÇÕES

Em 1954 - era o ano Mariano - vinham almas todas as noites. Às vezes diziam quem eram. Encarregavam-me de tal ou tal recado para os seus parentes. Deste modo o caso foi a pouco e pouco conhecido do público, o que foi para mim muito desagradável, porque por mim nunca teria falado a mais ninguém além do meu director espiritual. Tive por vezes de transmitir estas mensagens em aldeias que me eram completamente desconhecidas. Por vezes também tinha de anunciar aos parentes que tinham de devolver um bem mal adquirido, que era exactamente designado. Havia casos em que os próprios membros da família não tinham nenhum conhecimento acerca disso, e, no entanto, era bem verdadeiro.

Vinham também almas durante o dia e não apenas de noite. Quando o ano

mariano terminou, as almas não voltaram todas as noites, mas em média duas ou três vezes por semana. Passava-se às vezes uma semana inteira sem que nenhuma viesse. A maior parte das vezes apareciam no primeiro sábado do mês, ou num dia de festa da Santíssima Virgem, ou durante a quaresma. Sobretudo no decurso da Semana Santa muitas delas têm permissão de vir, e depois de novo no mês de Novembro e durante o Advento.

## DIVERSAS PERGUNTAS

**“Conhece as almas que se lhe dirigem?”** perguntam-me. As que conheci antes, reconheço-as imediatamente; as outras não, a não ser que me digam quem são. Aparecem a maior parte das vezes em traje de trabalho.

**“Pode enviar-se uma alma do purgatório a outra pessoa?”** Não, não se pode. Muitas vezes eu o teria feito de bom grado; teria sobretudo gostado de as enviar a pessoas que só sabem trocar destas coisas e que não acreditam que as almas do purgatório possam aparecer. Também me perguntaram com frequência se posso chamá-las. Não, não posso. Elas vêm quando o Bom Deus lho permite, para pedir a sua libertação.

**“É pecado não acreditar nas aparições das almas do purgatório?”** Não, porque isso não é dogma de fé; não se é obrigado a acreditar, mas não se devia rir disso.

## O QUE SABEM DE NÓS AS ALMAS DO PURGATÓRIO?

As almas sabem bastante mais do que nós pensa mos sobre nós e sobre o que nos acontece. Sabem, por exemplo, quem está presente nas suas exéquias e se lá rezamos ou se estamos apenas presentes, sem dizer uma palavra de oração, o que acontece muitas vezes. Sabem quem vai embora depois um simples acto de presença ou duma oferta de flores sem assistir à missa que lhes seria muito mais proveitosa. Se assistirmos com piedade em vez de acompanhar apenas o corpo ao cemitério, ajudamos muito mais estes defuntos, porque senão só lá vamos para sermos vistos o que para eles traz muito pouca vantagem. As almas também sabem o que se diz delas, o que se faz por elas; elas estão muito mais próximas de nós do que pensamos: elas estão muitíssimo próximas.

## O QUE AJUDA AS ALMAS DO PURGATÓRIO

O socorro mais precioso que podemos dar às almas é, sem dúvida nenhuma, a missa. Mas aproveitam na medida em que os defuntos a estimaram durante a vida. Também aqui recolheremos o que semearmos. De resto, não contam só as missas dos dias de preceito — domingos e festas — mas também as dos dias de semana. É claro que nem todos podem

assistir à missa nos dias de trabalho; há as ocupações profissionais, as tarefas, e o dever passa à frente de tudo.

Mas há muitas pessoas que podiam ir sem faltar a nenhum dever: por exemplo os reformados que têm boa saúde, ainda com pernas firmes, que habitam perto da igreja, mas dizem: “Aos domingos tenho obrigação, mas não durante a semana; portanto não vou”. Os que pensam e agem assim esperarão muito tempo, depois da morte, para que uma missa lhes aproveite, porque eles fizeram pouco caso dela durante a sua vida.

Quando nós estamos impedidos de ir, mandemos sempre que possível as crianças em idade escolar. Em muitos locais não há crianças na missa nos dias de semana. Se se soubesse qual é o valor de uma só missa para a eternidade, as igrejas estariam cheias, mesmo nos dias de semana. À hora da morte, as missas a que tivermos assistido piedosamente durante a nossa vida, são o nosso maior tesouro; terão para nós mais valor que as missas que são celebradas por nós após a nossa morte.

Pais e educadores queixam-se de que as crianças são, nos nossos tempos, muito insolentes e desobedientes. Isso não acontece por acaso: antigamente as crianças assistiam todos os dias à missa dos alunos; a oração e a comunhão davam-lhes a força para serem obedientes e fiéis ao seu dever. Nenhum pai, ou mãe, ou catequista pode meter no coração da criança o que Jesus lhe dá em graças durante a missa e pela santa comunhão.

Já me perguntaram se o facto de acender velas tinha algum sentido e valor. Sim, sobretudo quando são benzidas. Mas mesmo quando não o são devemos pensar que são compradas por amor aos defuntos e todo o acto de amor vale muito.

A água benta é preciosa também, quando se usa com fé e confiança. Mas tanto faz aspergir o chão com a mão cheia como deitar uma só gota: vale mais uma única gota acompanhada de uma jaculatória pelas almas. É pena que na maior parte das casas já não se encontre um recipiente de água benta; não se tem assim ocasião de dar água benta às almas do purgatório.

## QUAIS SÃO OS PECADOS MAIS SEVERAMENTE EXPIADOS NO PURGATÓRIO?

Os pecados contra a caridade: maledicência, calúnia, rancor; as querelas provocadas pela cupidez e a inveja são duramente punidos no outro mundo. Por exemplo, um vadio poderia ser um homem como deve ser, se fosse tratado com bondade e caridade. Cuidado para não cairmos sobre essas pessoas sem dó nem piedade, para não rirmos delas; isso faz um grande mal à nossa alma. Quantas pessoas isoladas se queixam de que as ajudamos tão pouco enquanto na vizinhança, apenas a dez metros, há jovens. Mas não lhes vem a ideia de ajudar o velho vizinho que não tem quem o ajude sequer a abrir uma passagem na espessa camada de neve que tem junto à

porta. No entanto, as obras de caridade receberão a mais alta recompensa na eternidade.

Quantas vezes, também, se peca por palavras e julgamentos desprovidos de caridade! Poderíamos escrever um livro inteiro sobre este assunto. Se seguíssemos o conselho que nos dá a Mãe de Deus: “Sede caridosos e bons para todos”, poderíamos converter a maior parte dos homens e não teríamos de temer o comunismo. Uma palavra pode matar, uma palavra pode curar. O amor cobre uma multidão de pecados. Encaremos então com caridade sobretudo os nossos inimigos. Ser bom com os que nos fazem o bem, também os pagãos o fazem, diz Cristo. Mas fazer bem àqueles que tem sentimentos hostis para conosco, é a verdadeira atitude cristã; é isso o que o Senhor nos pede; faríamos assim de muitos inimigos, amigos e poderíamos poupar-nos, em grande parte, o purgatório.

## O QUE SOFREM AS ALMAS NO PURGATÓRIO

Sofrem de mil diversas maneiras: há tantas espécies de purgatório como há de almas. Cada alma sofre a nostalgia de Deus e esta é a mais lancinante de todas as dores. Além disso, cada alma sofre no que — e pelo que — a fez pecar. É já, em certa medida, o que acontece na terra em que a punição segue a má acção: quem come em excesso sofre de dores abdominais e torna-se demasiado pesado; o que fuma muito fica intoxicado pela nicotina e favorece o aparecimento de cancro do pulmão. Nenhuma alma quereria voltar do purgatório para viver de novo como antes, nas trevas em que nós estamos porque ela tem um conhecimento do qual nós não fazemos nenhuma ideia.

As almas querem purificar-se no purgatório, como o ouro no crisol. Podemos imaginar uma jovem que queira ir ao seu primeiro baile com o vestido sujo e despenteada? Uma alma que está no lugar de purificação tem uma imagem tão fulgurante de Deus, Deus apareceu-lhe numa beleza e uma pureza tão radiosas, tão deslumbrante, que nem todas as forças do céu chegariam para a fazer mover para se apresentar diante de Deus enquanto que nela subsistir a mínima mancha. Só uma alma luminosa, perfeita, ousa ir ao encontro da luz eterna e da perfeição divina para contemplar Deus face a face.

## PORQUE DOU CONFERÊNCIAS

“Deves ir a todo o lado onde fores chamada — dizem as almas do purgatório — pois é o teu apostolado”. O Concílio também pede que os leigos trabalhem mais no apostolado. Todo o católico contraiu, na sua confirmação, a obrigação de defender a fé e a verdade segundo os dons que recebeu. Assim, é meu dever fazer essas conferências. Até mesmo muitos padres não querem compreender e não permitem mesmo que o povo o



queira. Rezemos por estes padres.

Não recebo pagamento pelas conferências, apenas peço que paguem a minha viagem e as despesas. Já me recriminaram por receber às vezes donativos espontâneos que ultrapassam o preço da viagem. E verdade, mas esse dinheiro não o uso para mim; vai para a “caixinha das almas”. É para lá que vão todos os donativos suplementares; pertencem às almas que pedem uma missa ou um donativo em favor de uma boa obra. Tenho o hábito de viver simplesmente. Quando ia à escola só tínhamos para comer, ao almoço e ao jantar, uma sopa e um pedaço de pão. No entanto os oito filhos que nós éramos, crescemos de boa saúde. Talvez tivéssemos melhor saúde, às vezes, se vivêssemos mais simplesmente.

Perguntam-me também que escolas frequentei, para poder fazer tais exposições. Só frequentei a escola primária durante oito anos. Mas, pelas minhas relações com as almas do purgatório, aprendi muito e tornei-me outra. Tenho também uma grande confiança no Espírito Santo. Só quando invocamos o Espírito Santo com confiança experimentamos o poder da sua ajuda. E que importância tem a sua assistência, sobretudo quando se trata da educação das crianças!

Assim, nunca serei capaz de aconselhar suficientemente aos pais e educadores que peçam ao Espírito Santo que os ilumine.

## DEVEMOS PERDOAR PARA ALÉM DO TÚMULO?

Um camponês veio um dia procurar-me para se lamentar. “Estou a construir, disse ele, um estábulo. Cada vez que o muro chega a uma certa altura, desmorona-se do outro lado. Examinamos o assunto e não encontramos nenhuma falha; deve haver aqui algo sobrenatural. Que fazer?”

Perguntei-lhe: “Terás tu um defunto que, tendo alguma coisa contra ti, nutria sentimentos hostis a teu respeito?” Ele respondeu: “Sim. Pensei justamente que só podia ser ele que, mesmo debaixo da terra, não me deixava tranquilo.” Eu disse-lhe: “Ele só te pede, disse-lhe eu, que lhe perdoes; e nada mais”. Mas ele não estava nada disposto a perdoar: «O quê? Perdoar-lhe a ele que me fez tanto mal enquanto foi vivo? Para que ele possa voar para o céu? Não, não, ele tem é que expiar».

Tive de acalmá-lo: «Ele não irá logo para o céu, terá de expiar esse mal, mas suportará mais facilmente a sua pena. Não te dará repouso enquanto não lhe perdoares do fundo do coração».

Ele não queria saber de nada disso. Então perguntei-lhe: “Porque dizes então, no Pai Nosso. Perdoai as nossas ofensas como nós perdoamos a quem nos tem ofendido? Na realidade tu dizes a Deus: não me perdoes porque eu não perdoou ao meu próximo”.

“Só agora compreendo verdadeiramente”, confessou ele.

Então pude levá-lo a juntar todas as suas energias para declarar: “Sim, em nome de Deus, eu quero perdoar para que Deus também me perdoe”.

## COMO RECEBO RESPOSTAS

Só nos primeiros sábados do mês e nos dias de festa de Nossa Senhora, posso perguntar se uma alma ainda está no purgatório ou não. Quando uma alma aparece e depois de ter dito o que precisa para ser libertada ainda permanece lá, sei que posso questioná-la. Mas não recebo a resposta por esta alma a quem fiz a pergunta, muito simplesmente porque ela será libertada quando tivermos feito o que pediu.

É uma outra alma que traz a resposta, uma alma que pode vir, também ela, para pedir a sua libertação. Quando apresenta o seu desejo, ela diz-me se tal alma está ainda no purgatório ou se já foi libertada. Posso assim verificar, no meu caderno, quem me indicou esse nome e posso dar a resposta à pessoa interessada.

Às vezes podem passar dois ou três anos, frequentemente menos, antes de eu ter uma resposta. E conforme Deus o permite.

Não creio que as almas possam dizer se alguém está no inferno; mas não se deve concluir que não há inferno. Oh! Há um inferno e há muita gente no inferno.

Se me perguntam qual é o meio mais seguro de não ir para o inferno, respondo: “Sede humildes; quem é humilde não vai para o inferno, mas quem é orgulhoso corre perigo de se perder para a eternidade”.

## A EFICÁCIA DA INDULGÊNCIA PLENÁRIA EM ARTIGO DE MORTE? -

Um homem questionou-me um dia sobre a sua falecida esposa. A resposta foi que esta mulher ainda estava no purgatório. Notem que ela era membro de várias confrarias nas quais se pode ganhar uma indulgência plenária à hora da morte. Podia, portanto, pensar-se que ela já não estivesse no purgatório.

Perguntei a uma alma como acontecia isso. Foi esta a resposta: “Para ganhar plenamente uma indulgência para si própria é preciso ter a alma completamente livre de todo o apego ao que é terreno. E pedir muito. Tomem como exemplo uma mãe de cinco filhos no seu leito de morte. Ela deve dizer a Deus: “Só quero o que Vós quereis; viver ou morrer, como Vós quiserdes”.

E pedir muito. É preciso ter já vivido nesses sentimentos para alcançar um tal grau de desapego à hora da morte.

## QUANDO SE FAZ BATOTA

Alguém fez perguntas sobre a sorte de uma pessoa de que deu o nome, ano de nascimento e ano de falecimento. A resposta? “Ainda está no purgatório”. Ele zombou de mim dizendo: “Desta vez é claro que tudo isto é fingimento: esta mulher ainda vive!”

Pensei: como pode então uma alma dizer-me que esta pessoa ainda estava no purgatório? Procurei o meu director espiritual e disse-lhe: “Não volto a aceitar perguntas, há qualquer coisa que não encaixa”.

Calmamente, tranquilamente, ele respondeu-me: “Quando tiveres novamente ocasião de falar com uma alma, diz-lhe: “Em nome de Jesus ordeno que me diga porque me foi dada uma resposta que é falsa, visto que essa pessoa ainda está viva”. Fiz o que ele me ordenou e recebi o seguinte ensinamento: “Essa resposta não vinha de uma alma do purgatório”. “Então de quem vinha?” A alma respondeu: “Era o demónio sob a aparência de uma alma do purgatório”. “Isso aconteceu mais do que uma vez?” “Quando te fizeram perguntas em total franqueza, recebeste de nós respostas justas; quando fazem batota, e só então, o demónio tem o poder de se meter”.

O padre, a quem relatei estas palavras, fez-me esta reflexão: “Já tinha pensado que o demónio estava aí metido; é preciso não trapacear com estas coisas. É preciso cingir-se estritamente à verdade. O demónio é o pai da mentira; quando se mente ele exerce o império do seu poder”.

## ALDEIA EM DESASSOSSEGO

Em 1954 um homem veio informar-se sobre dois defuntos: “Estou muito impaciente por saber qual vai ser a resposta”, disse ele. Porquê? Não disse mais nada: só pedia a resposta. Era o ano Mariano e a resposta veio prontamente. Um mês mais tarde já lhe podia responder: “A senhora S. já foi libertada e o senhor H. ainda está no fundo do purgatório”. Ele abanou a cabeça: “Não é possível! A senhora S. que morreu no hospital por causa de um aborto já está libertada e o senhor H que era sempre o primeiro e o último na igreja estaria ainda em purgatório profundo?”

“Estamos em ano Mariano, disse-lhe eu; recebo tantas respostas que posso ter-me enganado ao tomar nota; voltarei a perguntar”. Então repeti a pergunta e recebi esta resposta: “Não te enganaste; anotaste correctamente”. Comuniquei isto ao homem que não quis acreditar. Ele era da mesma aldeia da senhora S. e do senhor H. Metade da aldeia tinha ficado espantada por causa destas duas respostas, mas eu não podia modificar nada.

Ora aconteceu que, da mesma aldeia, me procurou uma mulher que tinha conhecido muito bem a senhora S. e o senhor H. Ela tinha outra opinião: “Indignaram-se com a sua resposta, disse-me ela, mas o que fortaleceu a

minha convicção foi justamente a sua resposta acerca dos dois casos.”

Ela veio precisamente por causa disso. E continuou nos seguintes termos: “Posso dizer que conheci a senhora S. como se fosse minha irmã. Ela era fraca, sob o ponto de vista moral, é verdade, mas ela sofreu muito por isso. Isso vinha-lhe, em grande parte, por hereditariedade. Morreu de um aborto, é verdade, mas o padre que a assistiu à hora da morte reconheceu: “Eu gostaria de morrer com sentimentos de arrependimento iguais aos desta mulher”. Ela morreu no Senhor e foi enterrada religiosamente. Em contrapartida, o senhor H. era de facto o primeiro e o último na igreja, mas criticava incessantemente os outros. O que mais me indignou foi que na altura do enterro da senhora S., ninguém estava tão excitado como o senhor H. Ele não pôde deixar de fazer esta reflexão: “Uma tal desavergonhada não devia ser enterrada no cemitério”.

Reconhecida por esta explicação, disse-lhe: “Agora tudo é claro para mim. O Senhor não quer que julguemos os outros. O senhor H condenou esta mulher: no entanto Deus foi misericordioso com ele porque apesar de tudo salvou-se, pois é muito perigoso condenar alguém”. Não podemos pronunciar uma sentença contra ninguém. Suponhamos que vinte pessoas cometem uma acção que, - vista exteriormente, é a mesma: a falta pode ser diferente para cada uma delas. Há tantos factores a considerar para julgar: educação, hereditariedade, conhecimento, estado de saúde, comportamento, quem a rodeia... Nós nunca podemos julgar.

### TAMBÉM HÁ CRIANÇAS NO PURGATÓRIO?

Sim, crianças que ainda nem vão à escola, podem ir para o purgatório. Desde que uma criança sabe que alguma coisa não está bem, se apesar disso a faz cometer falta. E claro que para as crianças o purgatório não é tão longo, nem tão penoso, porque lhes falta o pleno discernimento. Não digais que uma criança ainda não compreende! A criança compreende mais do que nós pensamos; ela tem uma consciência bem mais delicada do que um adulto.

### QUAL A SORTE DAS CRIANÇAS MORTAS SEM BAPTISMO, DOS SUICIDAS, ETC?

Essas crianças também têm um «céu»; estão felizes, mas não têm a visão de Deus. No entanto sabem tão pouco a esse respeito que crêem ter o que há de mais belo.

O que acontece com os suicidas? São condenados? Não, na maior parte dos casos não são responsáveis pelo seu acto. Os culpados de que essas pessoas se suicidem têm uma grande responsabilidade.

Os membros de outras religiões também vão para o purgatório? Sim,

mesmo que não acreditem nele. Mas não sofrem lá tanto como os católicos porque não tinham as fontes de graças de que nós dispomos; sem dúvida, não têm a mesma felicidade.

As almas do purgatório não podem fazer nada por si mesmas? Não, absolutamente nada, mas podem ajudar-nos muito se lho pedirmos.

### ACIDENTE DE CIRCULAÇÃO EM VIENA

Uma pobre alma fez-me este relato: “Tive morte instantânea com uma moto, em Viena, porque não observei as regras de trânsito. Era o meu destino”. Perguntei-lhe: “Estavas pronto para entrar na eternidade?” “Não estaria pronto, confessou, mas Deus dá a quem não peca contra Ele com insolência e presunção, dois ou três minutos para poder arrepende-se. E só quem recusa é condenado”.

O seu comentário foi interessante e instrutivo: “Em tais casos as pessoas, por vezes, dizem: ‘Era a sua hora’. É falso. Só é assim quando uma pessoa morre sem que em nada tenha contribuído para isso: então pode dizer-se que era a sua hora. Segundo os desígnios de Deus, eu poderia ter vivido ainda trinta anos; só então se teria esgotado o tempo da minha vida. É por isso que não temos o direito de expor a nossa vida a um perigo de morte, excepto em caso de necessidade”.

### UMA CENTENÁRIA NO CAMINHO

Foi em 1954, à tarde, pelas 14h30. Eu ia a caminho de Marul. Na floresta, antes de passar no território desta comuna vizinha da minha, encontrei uma velha. Pensei: “Aqui está uma que tem de certeza mais de cem anos”, tão idosa, ela me parecia. Saudei-a amigavelmente “Porque me saúdas? disse, já ninguém me saúda”. Consolei-a: “Merece tanto ser saudada como qualquer outra pessoa”. Ela começou a queixar-se: “Já nem sequer alguém me dá esta prova de simpatia; ninguém me dá de comer e tenho de dormir no caminho”. Não é possível, pensei eu, já não deve estar bem da cabeça. Tentei dizer-lhe que não podia ser assim. “Mas é”, respondeu ela. Pensei que ela fosse uma maçadora e não quisessem ficar com ela muito tempo por causa da idade e convidei-a a jantar e dormir na minha casa. “Mi, mas eu não posso pagar nada”. «Não tem importância, mas tem de aceitar o que tenho para oferecer: não estou bem instalada, mas sempre será melhor do que dormir na rua». Então ela agradeceu-me: «Deus lhe pague! Agora fui libertada” e desapareceu. Eu não tinha notado, até esse momento, que era uma alma do purgatório. Certamente durante a sua vida afastou alguém que devia ajudar; agora teve de esperar que alguém lhe oferecesse espontaneamente o que ela tinha recusado a outro.

## ENCONTRO NUM COMBOIO

«Conheces-me?», perguntou-me uma alma. Tive de responder que não. “Tu já me viste: em 1932 viajaste comigo até Hall, fui então teu companheiro de viagem”. Lembro-me bem. Este homem criticou muito alto, no comboio, a Igreja e a religião. Embora eu então só tivesse 17 anos tomei a coisa a sério e disse-lhe que ele não era um bom homem porque denegria assim as coisas santas. “Tu és jovem de mais para me dares lições”, respondeu ele para se justificar. “No entanto sou mais inteligente que tu” respondi ousadamente. Ele baixou a cabeça e não disse nem mais uma palavra. Quando desceu do comboio, pedi a Nosso Senhor: “Não permitais que esta alma se perca!” “Essa oração salvou-me, concluiu esta alma, sem ela teria sido condenado”.

## UMA MULHER SALVA UMA ALDEIA

Em 1954, uma avalanche causou na nossa região uma grande catástrofe. Na aldeia vizinha, Fontanella, morreu pouco depois uma mulher de nome Stark, que tinha estado doente durante 30 anos. Contava-se que cem anos antes, as avalanches tinham já causado destruições, mas agora ainda era pior. Depois desta primeira devastação, plantou-se uma floresta para proteger a aldeia. Durante a avalanche de 1954 esta floresta foi quase inteiramente arrancada. Algumas árvores contiveram a força da neve, sem o que metade da aldeia teria sido varrida.

Quando a senhora Stark morreu, pouco depois desta catástrofe, eu pude ouvir isto das almas: foi somente esta mulher que, pelas suas orações e sofrimentos, conseguiu que estas árvores aguentassem. Ela tinha oferecido todos os seus sofrimentos para o bem da sua terra e tinha-lhe obtido também muitas graças. Se ela tivesse tido saúde, não poderia ter feito isso. Pelo sofrimento suportado com paciência, salvamos mais almas do que pela oração.

Evidentemente, é mais fácil exortarmos um doente a sofrer com paciência do que, nós mesmos perseverarmos com humildade. Eu sei o que é sofrer; é justamente por ser tão doloroso que o sofrimento tem tanto valor! Não vejamos sempre o sofrimento como um castigo: ele pode ser aceite como expiação não apenas por nós próprios, mas antes de tudo pelos outros.

Cristo era a própria inocência e foi Ele quem mais sofreu pela expiação dos nossos pecados. Só no céu saberemos tudo o que obtivemos pelo sofrimento aceite, em união com os sofrimentos de Cristo.

O modo mais eficaz de oferecermos os nossos sofrimentos consiste em entregá-los nas mãos da Mãe de Deus para que Ela os distribua como quiser, porque Ela sabe onde são mais necessários.

## CAIXOTE DO LIXO; MÃO NEGRA E PROFANAÇÃO DA CRUZ

“Que fazes com o caixote do lixo?”, perguntei a uma mulher que encontrei com um na mão. “E a minha chave do paraíso”, respondeu ela resplandecente. “Não rezei muito durante a minha vida. Ia raramente à igreja, mas uma vez, antes do Natal, limpei gratuitamente a casa toda de uma pobre velhota. Foi a minha salvação!” Prova de que tudo depende da caridade.

Um encontro que nunca esquecerei é o daquele padre cuja mão direita estava negra. Perguntei-lhe qual era a causa. “Eu deveria ter abençoado mais”, declarou ele. “Diz a todos os padres que encontrares que devem abençoar mais; que podem também espalhar muitas bênçãos e esconjurar as forças do mal.”

Um dia, depois de me ter dito de que necessitava para a sua libertação, uma alma acrescentou: “Se me fizerem isto, ficarei contente”. Nada mais, além de onde e quando tinha deixado este mundo.

Particpei aos seus parentes, que eu não conhecia. Eles primeiro foram cépticos. Queriam saber se todas as almas diziam: “Se me fizerem isto, ficarei contente”. “Até aqui”, disse-lhes, “foi a primeira vez que uma alma se exprimiu assim”.

Eles quiseram então saber porque se tinha ela expressado assim. Respondi que não sabia. “Pois bem, nós sabemos, disseram pensativos; era como que a divisa do nosso pai. Ele dizia sempre: ‘Se fizerdes isto ficarei contente’. Por isso acreditamos em si”.

Eram pessoas que já não iam à missa de domingo, pensando que era apenas um mandamento da Igreja. Expliquei-lhes que um mandamento da Igreja conta na eternidade como um mandamento de Deus; que a diferença consiste em que a Igreja pode revogar ou mudar um dos seus mandamentos, enquanto que isso é impossível para os mandamentos de Deus.

“Cometi um crime contra Deus”, confessou-me um homem, “na minha ira pisei uma cruz, reflectindo que se houvesse Deus, Ele não o permitiria. Mas Deus não tolerou que troçasse d’Ele. Fui ali mesmo atingido de paralisia, que foi a minha salvação”. Depois disse-me o que a esposa podia fazer por ele e como suavizar-lhe o purgatório.

A mulher tinha saído da Igreja católica, mas a minha mensagem causou nela uma profunda impressão. “Só eu e o meu marido sabíamos que ele tinha profanado uma cruz. Nem eu, nem ele, confiamos este assunto a ninguém. Se esta desconhecida pode dizer isto, devo acreditar”. E ela voltou ao seio da Igreja católica.

Um médico veio um dia, queixando-se de que deveria sofrer por ter abreviado a vida dos doentes, ministrando injeções para que não sofressem tanto. Disse que o sofrimento tem para a alma, quando ela o suporta com

paciência, um valor infinito; que temos o direito de aliviar os grandes sofrimentos, mas não de encurtar a vida por meios químicos.

## BEM, MAL ADQUIRIDO

Um dia tive uma visita. Já a ouvia rabujar no corredor. Abri a porta para ver. Era um homem que perguntou em tom desdenhoso: “Onde é esta aldrabice de almas do purgatório?” Respondi-lhe: “Vem passear-te por aqui; não se trata de trapaça de almas do purgatório”. Então, resmungando, foi direito ao assunto: “Foi a si que apareceu o Sr. E.?” Tinha na minha frente um dos parentes a quem tinha ido anunciar, da parte do sr. E., que eles deviam entregar o bem mal adquirido. Respondi afirmativamente à sua pergunta. Ele começou a barafustar que não era verdade, que aquilo era um truque para extorquir dinheiro, charlatanice... “Que bem mal adquirido devemos devolver?” “ Eu não sei, expliquei-lhe. Apenas recebi a missão de pedir à sua família que restituísse o bem mal adquirido. Qual? Vós deveis saber?” Ele soube então exactamente qual. Apercebi-me, pelos seus propósitos, que a sua fé cristã não ia mais longe; ele barafustou também contra o Papa, a Igreja, a religião. Explicava-lhe tranquilamente o que se passa com tudo isso. Acalmou-se e disse: “Se é assim, tenho de começar de novo uma outra vida. Eu já não tinha confiança em nenhum padre, mas agora tenho de recomeçar a crer em Deus, porque nunca a senhora poderia adivinhar que na nossa propriedade houvesse um bem mal adquirido. Os próprios membros da família, todos eles, não o sabiam”.

Outra vez veio uma mulher: “Tive de sofrer 30 anos no purgatório porque não tinha deixado a minha filha entrar no convento”, confessou. Quando os pais dão um filho a Deus e Deus o chama ao sacerdócio ou à vida religiosa, se eles se opõem, tem uma grande responsabilidade.

Sei, pelas almas, que muitos jovens são chamados ao sacerdócio, mas os pais não o permitem. Terão de responder por isso.

## A MULHER QUE TINHA O PURGATÓRIO MAIS TERRÍVEL

Um homem escreveu-me uma carta: a esposa tinha morrido há um ano. Desde então todas as noites batiam no seu quarto. Pediu-me se eu não podia lá ir uma vez para ver de que se tratava.

Fui. Disse-lhe que não tinha a certeza de tomar conhecimento de alguma coisa. Talvez a mulher não pudesse ainda anunciar-se. Se fosse o caso, era preciso abandoná-lo à Providência. Dormi nesse quarto. Pelas 23h30 começaram as pancadas: perguntei logo: “Que queres? Que devo fazer?” Não vi ninguém nem recebi resposta. Pensei que esta mulher não pudesse ainda falar. Cerca de cinco minutos depois ouvi um bater de pés impressionante; chegou um grande animal, o que nunca tinha ainda



acontecido. Era um hipopótamo. Deitei logo água benta e perguntei: “Como posso ajudar-te?”. Nenhuma resposta; era sinistro. Então veio o demónio sob a forma de uma horrível serpente gigante que apertou o animal ... para o estrangular. Depois, de repente, desapareceu.

Deixei-me tomar por sombrios pensamentos. Portanto, pensei, esta mulher não deve estar condenada”. Pouco tempo depois veio uma alma sob aparência humana, como vêm sempre ter comigo, e consolou-me: “Não tenhas medo; esta mulher não está condenada, mas sofre o purgatório mais terrível que há.”

Disse-me a causa. Esta mulher tinha vivido uma dúzia de anos em inimizade com uma outra mulher, inimizade de que ela era a causa. A inimiga quis muitas vezes fazer a paz, mas ela recusava; mesmo durante a sua última doença tinha-a afastado com rudeza e morreu assim.

Temos aqui uma prova da severidade com que Deus pune aqueles que se comportam de uma maneira hostil em relação ao próximo, porque essa é uma atitude diametralmente oposta à caridade. Muitas vezes na vida temos querelas, mas é preciso procurar que a situação se componha o mais rapidamente possível. Perdoai o mais rapidamente possível. A caridade sobrepõe-se a tudo, nunca se dirá suficientemente isto. Ela cobre uma multidão de pecados.

## MORTO POR UMA AVALANCHE

Foi em 1954, durante a catástrofe causada por uma avalanche. Um jovem de 20 anos que vivia com a mãe numa casa ao abrigo das avalanches, ouviu durante a noite pedidos de socorro. Levantou-se imediatamente para ir ajudar. A mãe reteve-o: “Os outros também têm de ajudar algumas vezes, quando descem as avalanches; há demasiado perigo lá fora”. O jovem não se deixou deter e precipitou-se para o local de onde vinham os pedidos de socorro, mas foi ele mesmo engolido no caminho por uma avalanche e morreu.

Logo na segunda noite após a morte veio pedir-me 3 missas por ele. Os familiares espantaram-se que ele pudesse ser libertado tão depressa, porque ele não era muito fervoroso do ponto de vista religioso.

Mas o jovem tinha-me confidenciado que, se Deus tinha sido tão misericordioso para com ele, isso se devia a que tinha morrido ao serviço do próximo, por amor: nunca mais poderia, se tivesse ainda vivido, ter uma morte tão bela.

Nunca nos devemos desencorajar quando acontecem tais acidentes. Nunca sabemos qual é a sua utilidade. Nestes casos, as pessoas dizem que era um bom rapaz ou uma boa rapariga. Conheci muitos bons rapazes e raparigas que depois tomaram o mau caminho. Só Deus sabe em que se tornariam

estes bons jovens. Só na eternidade conheceremos a bondade de Deus para conosco.

Uma alma veio um dia recomendar-me: “não te ocupes da primeira alma que vier”. Eu tinha ordens do meu director para me ocupar de todas as almas, por isso perguntei: “Porque não devo ocupar-me dessa alma?” “Porque precisa que suportem por ela tais sofrimentos que tu não és capaz!” “Nesse caso, Deus não a deixará vi?”. Fui então tratada com dureza: “Deus verá se tu obedeces ou não”. Quando não conheço a situação e não me sinto segura, invoco o Espírito Santo. Nunca me abandonou.

De repente veio-me a ideia de que poderia ser o demónio. A minha decisão foi pronta. Ordenei-lhe: “Se és o Inimigo, ordeno-te em nome de Jesus, retira-te!” De repente, um grito! A aparição tinha desaparecido. Soube então que era o Inimigo, sob a aparência de uma alma do purgatório.

No dia em que, na nossa terra, há uma missa pelos mortos às 9 horas, a Comunhão é distribuída às 7 horas. Num desses dias dirigi-me à Igreja às 6h45.

Havia, na maior parte das vezes, duas ou três pessoas; mas nesse dia eu estava só. De repente chegou o nosso pároco muito agitado. Na sua pressa nem chegou a fazer a genuflexão, veio direito a mim e declarou energicamente: “Não pode comungar hoje”.

Depois saiu rapidamente, também sem fazer a genuflexão. Não consegui perceber; pus-me a rezar o terço. Pouco antes das 7 horas, o meu director espiritual entrou tranquilamente na igreja. Pensei: “Ele vai-se já embora, visto que eu não posso aproximar-me da mesa da Comunhão e não está mais ninguém”. Mas, ao contrário do que eu esperava, dirigiu-se à sacristia. Olhei à minha volta para ver se haveria mais alguém. Ninguém!

Dirigi-me à sacristia e perguntei. “Porque não posso receber a comunhão hoje?” “Quem disse isso?” “Mas o senhor disse-me que eu não podia comungar hoje...”

Ele quis saber quando mo tinha dito e eu contei-lhe o que se passara. Tranquilizou-me: “Eu ainda não estive hoje na igreja; era o Inimigo. Vá comungar tranquilamente”.

Conheci em Appenzell uma senhora, Maria Graf, simples mulher de camponês que tinha de vez em quando aparições da Santíssima Virgem e recebia d’Ela mensagens. A sra. Graf veio um dia a minha casa pedir-me conselho. Por um lado, sentia-se na obrigação de dar a conhecer ao mundo essas mensagens, por outro o bispo queria que não dissesse nada.

Perguntei-lhe: “Pode falar com frequência com a Virgem?” Como a resposta foi afirmativa, aconselhei-a a perguntar à Virgem o que devia fazer; Ela sabia bem que o bispo proibia. Perguntou à Virgem e recebeu esta resposta: “Obedece ao bispo. Eu mesma velarei por que as mensagens

se difundam”.

Maria Graf obedeceu. Em Appenzell, ninguém ou quase ninguém acreditava nesses favores extraordinários, nem mesmo o marido. Mas não se podem contrariar os planos de Deus. Pouco depois da morte de Maria Graf em 19 de Fevereiro de 1964, houve uma cura extraordinária por sua intervenção. Isso despertou as atenções. Foram a casa do marido pedir-lhe que visse se ela tinha escrito alguma coisa. Encontraram as suas notas, nas quais a Virgem expressava muitas vezes o desejo de que se recite todos os dias o rosário para a conversão dos pecadores e dizia que ele tem grande poder contra os assaltos do demónio.

Pouco depois de ter sabido disto, recebi duas cartas cujo conteúdo era idêntico: “Em nossa casa passam-se coisas estranhas. Deve ser o diabo a trabalhar”. Pensei: “Vou responder às duas cartas e dizer que rezem todos os dias o terço pela conversão dos pecadores”.

Era o dia 16 de Dezembro de 1964, em pleno dia. Peguei em duas folhas de papel de carta, pulei no meio da mesa com os respectivos envelopes ao lado. Tenho o hábito de começar por escrever o endereço no primeiro envelope. De repente, um silvo estridente. Fiquei com medo. O demónio estava junto de mim. Arrancou-me as duas folhas de papel que arrastou até ao canto da mesa, deixando sobre as folhas uma marca de queimadura. Para mim isto foi uma prova do poder do rosário contra o demónio.

## EXORTAÇÕES FEITAS PELAS ALMAS DO PURGATÓRIO

Muitas vezes Maria Simma também recebeu das almas exortações e conselhos práticos. Citemos brevemente alguns.

O Santíssimo Sacramento do altar já não é venerado como devia ser. Em muitas das igrejas modernas, o Santíssimo Sacramento já não está no centro da Igreja.

Fazem-se estátuas e quadros que ridicularizam o que deviam representar.

Também é uma falta de humildade e de respeito pedir que recebamos a Santa Comunhão de pé, sem nenhuma genuflexão.

O rosário deve ser mais posto em relevo. A oração do rosário tem um grande poder: Maria é o socorro dos cristãos.

Em todo o lado choco as pessoas quando digo, por ordem das almas do purgatório, que os trajes imodestos como as minissaias, fomentam a imoralidade. E preciso tomar isto a sério: as mulheres têm nisto uma grande responsabilidade.

As almas pedem também que façamos a tempo o nosso testamento. Quantas vezes nascem querelas que se continuam de geração em geração porque, ou não se fez testamento, ou não se fez com justiça.

É preciso que todos contribuam para a vinda do Reino de Deus. Os pais têm uma grande responsabilidade quando não deixam os filhos trabalhar activamente para esse fim. A juventude toma-se culpada quando, por amor dos seus prazeres, negligencia a prática de uma boa acção.

## CONSTRUÇÃO DE UMA CAPELA

Uma alma do purgatório disse que a Santíssima Virgem desejava que se erigisse uma capela em Sonntag: indicou o local exacto onde se encontrava em tempos um pequeno oratório da Virgem. Este oratório desapareceu aquando da construção de uma estrada. Prometeram reconstruí-lo, mas, como acontece muitas vezes, esqueceram-se. Era precisa uma capela suficientemente grande para lá se poder celebrar missa.

Dei o recado ao meu director espiritual. Ele levou logo a questão a sério, porque sabia que dantes ali existira um oratório o que, pessoalmente, eu ignorava. Sá as pessoas de idade podiam ainda lembrar-se disso.

A construção da capela devia ser assegurada por donativos. Na comuna houve dificuldades. As pessoas não queriam compreender que a capela devesse ser construída lá onde precisamente só havia duas casas e não num local onde havia várias. Por vontade do meu director, perguntei a uma alma se a capela não podia ser construída no lugarejo de Turtsch onde há mais habitantes. Eis a resposta: “Se os habitantes de Turtsch querem uma capela, devem pagá-la eles mesmos; a capela deles não deve ser paga com os donativos que foram feitos”.

A capela foi então construída no local desejado e isso sobretudo por iniciativa do meu director espiritual, Pe Alphonse Matt. Como não havia ainda no Vorarlberg nenhuma capela em honra de Nossa Senhora dos Pobres de Banneux, a Virgem pediu uma estátua de Banneux nesta capela. O reitor de Banneux trouxe ele mesmo para Sonntag uma estátua que tinha sido benzida em Banneux.

Quando a capela acabou de ser construída, a Mãe de Deus exprimiu, por meio de uma alma, o desejo de que aí colocássemos um quadro representando-a como Mãe de Misericórdia para as almas do purgatório. Mas era preciso que fosse um quadro de uma beleza natural e não uma dessas pinturas retorcidas de arte moderna.

Pedi à Mãe de Deus um bom pintor. Pouco depois chegou um padre polaco, o Pe. Stanislas Skudrzyk S. J., a quem expus o desejo. Disse-me que conhecia em Cracóvia um bom pintor, o professor Adolf Hyla, que seria capaz de fazer um belo quadro. O jesuíta polaco, Pe. Stanislas, habitando em Hamburgo, tomou o assunto a seu cuidado, incluindo a questão financeira e o transporte via Polónia até Sonntag, que decorreu sem incidentes.

Em Maio de 1959, a capela foi benzida; ela tornou-se um lugar de

peregrinação e um memorial das almas do purgatório aberto a todos os peregrinos. A localização deste lugar de graças, por cima da última aldeia do Grosswalsertal, a calma, a vista sobre um vale dos pré-alpes no seio das pradarias alpinas, cheias de perfume das flores e do canto das ciganas, é única. Quem quiser retirar-se para rezar em silêncio em plena natureza, perto de Deus, encontra aí uma pequena célula onde se sente maravilhosamente escondido.

## **NOVOS FACTOS**

Que um livro atinja em seis anos uma tiragem de 100.000 exemplares; que tenha sido traduzido em cinco línguas, é para o autor, como para o editor, um acontecimento que os enche de satisfação e de reconhecimento para com Deus. Foi também por isso que no dia da Epifania de 1975, convidamos Maria Simma para a nossa casa editora. Nessa ocasião foram relatados novos factos e novas experiências, de que publicamos aqui uma parte. Se este livro é muito procurado, é porque os fiéis sentem uma real necessidade de ser informados sobre os “fins últimos”

Talvez a divina Providência tenha concedido a Maria Simma o carisma com que a favoreceu porque, nos nossos dias, grande número de padres não suportam “a sã doutrina” e já não pregam sobre assuntos como a morte, o julgamento, o Purgatório e a Ressurreição. Quanto mais os cristãos cedem terreno sobre estes pontos da doutrina, mais as práticas ocultas, tais como o espiritismo, a adivinhação, e mesmo o satanismo progridem.

No fim desta parte do livro, relatamos uma história em que os nomes das pessoas e dos lugares são conhecidos do editor, e que mostra bem que Deus escolhe sempre os fracos instrumentos para triunfar dos fortes.

Maria Simma, simples e humilde filha do Vorariberg, realiza conversões que infelizmente hoje muitos padres não conseguem obter, oferecendo assim o critério mais importante que Cristo pôs para o Reino de Deus: “E pelos frutos que os reconheceréis”.

## **O FIM JUSTIFICA OS MEIOS?**

Uma mulher que ainda vive, diz-nos Maria Simma, veio um dia a minha casa e contou-me o seu desgosto nestes termos: “O meu marido morreu. O meu filho, que gostava muito do pai, agora deixou completamente o bom caminho. Se lhe dissesse que o pai veio ter consigo e contou que tinha de sofrer cruelmente por causa do filho ter tomado o mau caminho, ele converter-se-ia imediatamente, porque não suportaria que o pai tivesse de sofrer por sua causa”.

Disse-lhe: “Peça a Deus que o pai possa vir para me dizer isso”. Ele disse: “Sim, mas mesmo que o pai não venha, pode dizer-lho”. Respondi: “Não,

isso seria uma mentira! Ela acrescentou: “Pois, mas se o filho se convertesse?”

É o mesmo, não se pode fazer uma coisa dessas porque, em tais questões é preciso restringir-nos à estrita verdade. O pai não pode vir, o caso ficou liquidado. Talvez o filho também não se tivesse convertido.

### É PRECISO SER PADRE, MESMO NOS TEMPOS ACTUAIS?

Já chamei a atenção para a grande responsabilidade em que incorrem os pais quando Deus chama ao Seu serviço um dos filhos. “Actualmente, não deixaria o meu filho ser padre”, disse-me um pai de família.

“Ah! E porque não?”

“A senhora conhece bem a situação actual. Há eclesiásticos modernistas que ensinam coisas que já não são católicas. Não quereria entregar o meu filho a tais padres, porque os seus ensinamentos não são conformes àquilo em que cremos”.

“Mas, até que o seu filho seja padre”, respondi-lhe, “passarão ainda doze ou treze anos. Até lá, teremos de novo outro tempo, tenho a certeza, porque estes períodos de decadência não duram. Em todos os concílios houve perturbações. E este concílio foi mais importante que todos os outros. Mas o concílio não é responsável desta grande perturbação. A falta principal pertence àqueles que já não obedecem ao Papa. E, infelizmente, há entre eles até cardeais, bispos e padres”.

### TRANSPIREI DE ANGÚSTIA

Uma senhora chamou-me para ter comigo uma conversa. Perguntou-me: “Virão almas a sua casa esta noite?” “Não sei. Nunca sei com antecedência”, respondi. Então pediu: “Concordaria em dormir no nosso quarto se outros hóspedes da casa de repouso estivessem presentes, porque eles também gostariam muito de poder ouvir alguma coisa?”

Como havia lá dois cardíacos, recusei. Cedendo a novas instâncias concordei dormir ao lado, deixando a porta entreaberta. Pensei: “Se Deus não o permitir, nenhum de vós ouvirá nada”. No dia seguinte de manhã, notei que a dona da casa parecia muito séria e muito mudada. Quando lhe perguntei se ela não estava bem, recebi esta resposta: “Não, não tenho nada, mas preciso de lhe fazer uma pergunta: esteve aqui alguma alma nesta noite?” “Sim, porquê?”

Retorquiu: “Essa alma rezou um Pai Nosso?” Pensei que ela não podia tê-lo ouvido e não respondi. Então ela confessou-me com voz tremente: “Eu ouvi rezar um Pai Nosso que ressoava como vindo de uma profunda caverna!” Fiquei muito espantada: “Bem, é a primeira pessoa que ouviu

falar uma alma do purgatório, quando ela estava comigo”. Detalhe interessante: ela ouviu a voz como se saísse de uma caverna, enquanto que eu tive a impressão de que rezava o Pai Nosso, normalmente, comigo. Quanto a mim rezei em voz baixa para não incomodar as pessoas que dormiam ao lado. “Transpirei de angústia”, concluiu a mulher, “e senti-me feliz por não ter dormido no nosso quarto”.

#### UMA FREIRA E PROFESSORA TIROLESA, CHEIA DE HUMOR

Conheci, no Tirol, uma professora, uma grande Irmã. Adoeceu e suportava o sofrimento com paciência. Um ano depois ouvi dizer que estava no sanatório. Decidi ir visitá-la. Logo que cheguei disse-me: “Porque é que o bom Deus não me atende nunca? Têm tanta necessidade de mim para dar aulas!” “É verdade irmã, tentei dizer-lhe para a consolar, mas pense que o sofrimento é a maior prova de amor que Deus nos dá”.

Ao que ela replicou com humor: “Eu concordaria que, por um certo tempo, Ele me amasse um pouco menos!”

#### RECEBER A COMUNHÃO EM MÃOS NÃO CONSAGRADAS

Veio a minha casa um padre pedir-me: “Reza por mim, suporto grandes sofrimentos”. E desapareceu sem poder dizer mais. Em seguida, uma outra alma do purgatório esclareceu-me sobre este caso. “Ele tem muito para sofrer porque introduziu a comunhão na mão e mandou retirar as mesas da comunhão. O que se podia fazer de mais eficaz para o aliviar, seria repor as mesas que ele mandou tirar, e que aqueles que ele levou a comungar na mão deixassem de o fazer”. Disse isso ao seu Deão que se mostrou compreensivo e me respondeu: “Eu não introduzi a comunhão na mão. Quanto às mesas de comunhão, tudo o que posso fazer é tentar obter que se conformem com esse desejo; mas, nesse ponto, devo deixar a decisão ao cura local”.

Já por duas vezes veio um padre queixar-se. No terceiro encontro queixou-se de ter de sofrer duramente porque retirou a mesa da comunhão da igreja e forçou o povo a comungar de pé. Vemos que há aqui algo que não está certo. O Papa permitiu que se receba a comunhão de pé, mas quem quiser recebê-la de joelhos deve ter a possibilidade de comungar ajoelhado à mesa da comunhão. E isto que o papa quer e nós podemos pedi-lo a todos os padres. Se um padre ou um bispo soubesse em que responsabilidade incorre ao introduzir a comunhão na mão, não haveria mais comunhão dada ou recebida na mão.

Eis agora um assunto com que me confrontam em todo o lado. O assunto é claro, mas nesta época moderna, os mandamentos de Deus não se deixam modernizar. Estes mandamentos são uma parte integrante do ensino da

religião. Rejeitemos então esse “catecismo holandês” que põe em questão ou passa em silêncio importantes verdades da fé e compremos o antigo catecismo, como na Suíça, onde se imprimiram milhares, para que se possa de novo ensinar as crianças de modo justo e seguro. Se o padre ou os catequistas o não fazem, que o façam os pais.

## SANTIFICARÁS O DOMINGO

Uma alma ordenou-me que mencionasse sempre, no decurso das minhas conferências, a santificação do domingo, dizendo que se falta gravemente por trabalhos que não são necessários ou que não se devem mesmo executar ao domingo.

Depois a missa de domingo e não a de sábado à tarde! Se os jovens querem fazer uma excursão que assistam à missa de sábado, mas não por sistema. Não deve tomar-se um hábito.

As almas do Purgatório dizem que o rito latino da missa deve manter-se ao lado do rito em língua vernácula, para que os fiéis que falam outras línguas possam também participar com piedade no sacrifício da missa. É o que também deseja o Papa.

## IGREJAS MODERNAS

Já me perguntaram: “Também já soube alguma coisa acerca das igrejas modernas?” Sim, as almas do Purgatório também dizem o que está certo e o que não está.

Já houve pessoas que me repreenderam por ser contra as igrejas modernas. Não é verdade. Não sou contra as igrejas modernas que não impedem a devoção, mas se essas igrejas são ornadas de pinturas ou de estátuas diante das quais se tem medo, porque são feias e repulsivas, isso é obra do diabo e não de Deus! Isto tem de ser dito. O que eu vi, por exemplo, na igreja do Rosário, em Viena-Htzensdorf, é uma zombaria e uma vergonha, uma abominação para uma casa de Deus. Perguntei quem tinha feito esta igreja e soube que foi um elemento da maçonaria. O aspecto da Igreja é a consequência disso. Os quadros do pintor Ernest Fuchs são realmente uma ofensa a Deus.

Em Linz, no Alto Tirol, vi uma igreja moderna que me agradou. Porque não se faz assim? O sacrário com o Santíssimo Sacramento, está onde convém: no centro. Dos dois lados há mesas de comunhão. Quem quer comungar de joelhos pode fazê-lo, quem preferir ficar em pé também pode porque ao meio há um espaço livre entre as duas mesas santas.

Também tem uma bela estátua da Virgem. As pessoas vêm de longe pois muitos não vão à sua igreja paroquial que foi desfigurada. Os iconoclastas modernos deitaram fora tudo o que dava ao edifício um aspecto sacro. Em



duas igrejas católicas não encontrei pias de água benta. Perguntei porquê. Responderam-me que o vigário tinha dito que isso era uma moda estúpida. Ao que repliquei: “esse, terá um dia uma moda estúpida no Purgatório”.

## NÃO SE PODE ESCAPAR À CONFISSÃO DOS PECADOS

Em muitos lugares também se abandonou a confissão. Ora a confissão é um sacramento que Cristo instituiu, e não a Igreja, como muitos pretendem. Porque Cristo disse: “Recebi o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles a quem os retiverdes serão retidos” (Jo 20, 23). Portanto os pecados devem ser confessados; sem isso como pode o padre decidir se deve ou não os perdoar?

Disseram-me um dia: “Mas Cristo não disse que devíamos ir ao confessionário”. Respondi: “Não, isso Cristo não disse. Se preferirdes podeis dizer os vossos pecados ao padre, em público, diante de todos, e arrepender-vos, e o padre pode depois também dar-vos a absolvição fora do confessionário. Mas os vossos pecados devem ser confessados”.

Aqui e acolá, tenta-se esvaziar a confissão em proveito de cerimónias. Nessas paróquias o número de confissões diminui de repente. E um desvio. Roma (tal como também os bispos da Áustria) explicou com toda a clareza que, numa cerimónia penitencial, não é possível nenhuma absolvição sacramental por faltas graves. Uma cerimónia penitencial não se pode nunca substituir a confissão individual.

Em muitos locais, não se quer admitir a confissão antes da primeira comunhão. Isto não está certo. Já por duas vezes o Papa declarou que a primeira confissão deve preceder a primeira comunhão. Infelizmente muitos padres não obedecem ao Papa, o que se pagará.

As almas do Purgatório constantemente insistem neste ponto: é preciso rezar pelo Santo Padre que está em Roma. Devemos unir-nos fortemente em volta do Papa e agir segundo a sua consciência.

Em Ulm, encontrei crianças de 15 anos que ainda nunca se confessaram. Perguntei-lhes o motivo e responderam: “Antes da primeira comunhão não devíamos ir à confissão, mas no sexto ano podíamos ir”. Comentamos uns com os outros: “Tens pecados diferentes dos de então? — Não, apenas zombei e desobedei. — Bem! Pensamos nós. Ou nos devíamos ter confessado antes da primeira comunhão, ou agora também não é necessário’. E não nos confessamos”.

A primeira confissão, antes da primeira comunhão é também muito importante para a formação da consciência!

## QUEM GANHOU?

Um fabricante do sul da Alemanha convidou-me para fazer uma conferência. Quando cheguei disse-me: “Há um ano fez uma conferência numa localidade dos arredores. Por acaso deparei com um anúncio da sua conferência e pensei: “Então ainda há coisas destas? Tais histórias? Veio-me logo a ideia de que, não tendo no momento nada de especial em vista, poderia ir ouvir esta ‘brincadeira’. Fui e sentei-me ao fundo da sala. A hora da graça ia soar para mim, e num momento em que eu não esperava. Foi quando a senhora disse: ‘Enquanto o homem viver nunca é demasiado tarde; ele pode formar-se e até reformar-se. Desenvolvendo um grande zelo, pode recuperar o que anteriormente negligenciou’. Durante vários anos, não tinha posto a pés numa igreja, e eis que agora o amor de Deus me tomou e transformou a minha vida. A minha decisão foi firme: é preciso que esta mulher venha à nossa cidade fazer uma conferência e serei eu a organizá-la.”

Não podia procurar o seu pároco porque sabia que ele estava contra estas coisas. Voltou-se, portanto, para a autoridade civil que lhe concedeu o uso da sala municipal pelo montante de 300 marcos. Apenas o nosso homem afixou anúncios da conferência, recebeu do pároco um telefonema: “O que está a fazer sem a minha permissão?” O fabricante respondeu-lhe: “Penso que ainda temos liberdade de palavra e de consciência. De resto, não se preocupe porque não perderei nenhuma alma.”

O ataque é a melhor defesa, pensou o cura, e ameaçou: “Publicarei imediatamente no jornal, que ninguém assista a essa conferência”.

“Sim, concedeu calmamente o fabricante, pode fazê-lo e eu pedirei aos anjos da guarda de toda a cidade que me ajudem e veremos quem ganha”.

O cura escreveu um artigo, mas o seu artigo chegou uma hora mais tarde. Apareceu, portanto, exactamente ... um dia mais tarde. Eu tinha feito a minha conferência na véspera à noite na sala municipal! A sala estava repleta. Felizmente, uma instalação excelente de alto-falantes, permitia ouvir não só no interior, mas ainda no exterior onde se encontravam autocarros vindos de algures e cujos ocupantes puderam seguir perfeitamente a minha exposição.

No dia seguinte, quando as pessoas leram o apelo do cura no jornal, muitos devem ter rido. Alguns deram ao cura o conselho de assistir primeiro a uma conferência antes de se comprometer assim com a imprensa.